



MULHERES NAS CENAS FINAIS DO EVANGELHO DE MARCOS: NARRATIVA, DISCURSO E TEOLOGIA

*Women in the Final Scenes of the Gospel of Mark: Narrative, Discourse
and Theology*

Ivoni Richter Reimer *
Carolina Bezerra de Souza **

RESUMO: O artigo faz uma análise da presença das mulheres nas últimas cenas da vida, morte e ressurreição de Jesus, conforme narrado no Evangelho de Marcos. A partir da perícopos 15,40-16,8 objetiva-se contribuir com a reconstrução da participação e da importância das mulheres no movimento de Jesus e na organização de comunidades cristãs no século I, bem como evidenciar tentativas de silenciamento e invisibilização das mesmas. A pesquisa é bibliográfica, deseja-se apresentar uma metodologia exegética que faz uso conjunto de recursos da narratologia e da análise do discurso na interface com hermenêuticas feministas. Esta pesquisa resulta na constatação de que as mulheres receberam uma autoridade ímpar no final do Evangelho de Marcos e que possivelmente eram parte da liderança da comunidade marcana. Teologicamente significativo é perceber que a motivação, a dedicação e a fidelidade na práxis de fé das mulheres baseiam-se na própria ação de Jesus Cristo, que para elas significou acolhida, cura, libertação e reconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Evangelho de Marcos. Jesus. História de Mulheres. Discipulado. Teologia.

ABSTRACT: The article analyzes the presence of women in the last scenes of Jesus' life, death and resurrection, as narrated in the Gospel of Mark. Based on the pericope 15, 40-16, 8, it aims to reconstruct women's participation and importance in the movement of Jesus and in the organization of Christian communities during

* Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.

** Faculdades EST, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

the first century. It also intends to evidence the attempts to silence those women and make them invisible. The exegetical methodology used in this bibliographical research incorporates elements of narratology and discourse analysis, together with feminist hermeneutics. The research shows that, at the end of Mark's Gospel, women had been given unique authority and were probably among the leaders of the Markan community. It is theologically significant to realize that the women's motivation, dedication and fidelity in the praxis of faith followed Jesus' own action, which meant for them acceptance, healing, liberation and recognition.

KEYWORDS: Gospel of Mark. Jesus. History of Women. Discipleship. Theology.

Introdução

A Teologia Feminista propõe novo olhar, novas perspectivas e análises dos textos bíblicos. Ao perguntar sobre as relações de poder, busca esclarecer limites desses textos com respeito aos 'retratos' de mulheres e outros marginalizados, compostos por registros das suas atuações sociais e religiosas, como também denunciar textos e interpretações opressoras e propor novas imagens mais libertadoras oriundas também dos textos bíblicos¹. Neste caminho, são questionadas as epistemologias, os métodos, os resultados de pesquisas teológicas e as implementações nas formas de doutrina que foram obtidos ou construídos sobre quadros sociais androcêntricos. A Teologia Feminista reivindica a produção de saberes mais localizados, criativos, corporais e comunitários que considerem a diversidade da humanidade (SCHÜSSLER FIORENZA, 2005).

Este artigo busca colaborar com essa proposta, conjugando métodos de análise da narrativa e do discurso à Teologia Feminista e aplicando-os a um trecho do Evangelho de Marcos, qual seja, a perícopes de 15,40-16,8. Assim, procura evidenciar o protagonismo feminino, e a estratégia narrativa usada para formá-lo e, como consequência, a interpretação androcêntrica que oculta as mulheres.

Como primeiro Evangelho canônico composto, o retrato que Marcos faz das mulheres é paradigmático para o movimento cristão e precisa ser acessado e reinterpretado, hoje, para motivar, consolar e empoderar mulheres e homens dispostos a ouvir e viver o evangelho libertador de Jesus Cristo. Em todo o Evangelho, são diversas cenas em que Jesus interage com mulheres: a cura da sogra de Simão (Mc 1,28-31), a definição da comunidade como uma família (3,31-35), a cura da mulher com hemorragia (5,25-34), a ressurreição da filha de Jairo (5,35-43), o exorcismo da filha da mulher sirofenícia (7,24-30), a oferta da viúva pobre (12,41-44), a unção

¹ Para aprofundar sobre a Teologia Feminista, também em suas diversas vertentes, veja, p. ex., Schüssler Fiorenza (2009); Schottroff; Schroer; Wacker (2008) e Richter Reimer (2005).

de Jesus em Betânia (14,3-9). No final dessa sequência, estão as cenas da crucificação, sepultamento e ressurreição (15,40-16,8; 16,9-11). Além dessas cenas, figuras femininas aparecem também entre os opositores de Jesus: Herodias e sua filha tramam a morte de João Batista (5,14-29) e a serva do sumo-sacerdote expõe a presença de Pedro no julgamento (14,66-72).

Pesquisadoras feministas expuseram algumas percepções de androcentrismo presente no Evangelho de Marcos (RICHTER REIMER, 2012; FANDER, 2012; ANDERSON, 2008; PHILIPS, 2001; KINUKAWA, 1994; DEWEY, 1993; MUNRO, 1982). Um dos principais problemas citados é a linguagem androcêntrica que oculta as mulheres discípulas, tanto pelo uso do verbo em terceira pessoa do plural como por grupos com plural masculino, é o caso do grupo misto dos discípulos, que na narrativa marcana não se restringe aos Doze apóstolos. Também parecem ser características do quadro androcêntrico os fatos de não haver memória dos nomes da maioria das personagens femininas e de que parte delas é apresentada em ambientes privados, sendo algumas subordinadas a figuras masculinas. Além disso, o texto não retrata o chamado de mulheres por Jesus e seu comissionamento para pregação, cura e exorcismos, o que ele só faz com os Doze apóstolos. Há, ainda, um retrato negativo do silêncio das mulheres ao final do Evangelho que tradicionalmente é entendido como uma falha em cumprir a missão dada a elas pelo anjo. Por fim, faltam figuras femininas em esferas de poder na sociedade, pois as únicas representadas, Herodias e sua filha, são retratadas negativamente. Soma-se a essas características uma história de interpretação desenvolvida dentro de quadros teóricos androcêntricos que também tende a diminuir o protagonismo das mulheres nessas cenas, associando-as apenas a papéis domésticos, de cuidado e submissão.

Por seu turno, as mulheres que, no Evangelho de Marcos, têm encontros narrados com Jesus não se inserem nos padrões sociais de comportamento feminino das sociedades mediterrâneas do primeiro século. Ao contrário, elas sempre os quebram com atitudes corajosas, movidas pela fé e por suas situações de vida. Percebe-se, nessas cenas, uma representação positiva das personagens que interagem com Jesus. Elas possuem uma fé ativa demonstrada em seguimento, diaconia e entrega de vida e bens; são ousadas em enfrentar as convenções sociais por fidelidade ou em busca de cura e salvação; dedicadas, pois acompanham Jesus em todo seu ministério; inteligentes para rebater argumentos do próprio Jesus e encontrar saídas para suas condições; resistentes a situações de pobreza e exclusão; solidárias no entendimento da morte do seu mestre e na continuidade da presença mesmo em momentos de perseguição e execução... Apenas duas são identificadas a partir da relação com homens (a sogra de Simão e a filha de Jairo) e a maioria aparece como mulheres independentes que estão em busca da cura para si ou suas filhas ou dedicam-se a Jesus e ao Reino de Deus. Nota-se também que elas não são alvo de repreensão por parte de Jesus, mas da sua palavra acolhedora, que as defende, elogia e admira (SOUZA, 2017).

As cenas em que aparecem e atuam mulheres também tratam de temáticas teológicas centrais do Evangelho: saúde, salvação, diaconia, vida comunitária, pureza ritual, a integração étnica com a missão aos gentios, discipulado, identidade messiânica de Jesus (HORSLEY, 2001, p. 204-205; RICHTER REIMER, 2012). Além disto, são trechos que marcam pontos de expansão ou inflexão da narrativa, incentivando a novos tipos de relacionamento (SOUZA, 2014).

Diante do exposto, observa-se uma tensão entre a reconhecida positividade a respeito das mulheres que encontram Jesus e as características androcêntricas desse mesmo texto expostas pelas pesquisadoras feministas (FANDER, 2012). Um caminho a ser trilhado para solucionar essa tensão é a abordagem conjugada de métodos históricos e literários. Com a utilização das análises da narrativa e do discurso sobre as cenas com mulheres foi possível identificar um crescimento do papel das mulheres ao longo do texto que culmina nas cenas finais, abordadas neste artigo, com afirmação da autoridade de mulheres caracterizadas como o paradigma de discipulado (SOUZA, 2017).

Em Mc 15,40, logo após a morte de Jesus e a confissão do centurião, a narrativa marcana revela a presença de muitas mulheres que observavam ao longe a crucificação, enquanto nenhum outro discípulo é citado. Entre elas, nomeia algumas em especial. Desse grupo de nomeadas, duas testemunham o sepultamento de Jesus e três delas vão ao sepulcro no domingo e encontram o anjo que lhes anuncia a ressurreição de Jesus.

O conteúdo do versículo 15,40 obriga a uma releitura de todo o Evangelho incluindo as mulheres entre os seguidores de Jesus, uma “leitura de trás para a frente” (RICHTER REIMER, 2012, p. 203; SCHOTTROFF, 1995). Até Mc 15,40, quem lê o Evangelho de Marcos poderia ter a impressão que não havia mulheres entre os seguidores mais próximos de Jesus ou que elas estavam presentes apenas nas multidões que o seguiam, e isso justificaria sua presença nos encontros esporádicos de curas narrados até ali. Isso ocorre porque não há mulheres mencionadas claramente entre os que acompanhavam Jesus. Essa interpretação é comum, no entanto, desconsidera que as mulheres curadas podem ter se integrado ao movimento (RICHTER REIMER, 2011, p. 61-65) e que a comunidade definida por Jesus, em Mc 3,33-35, inclui mulheres.

Do ponto de vista da narrativa, o que acontece nos versículos 15,40-41 é um reconhecimento da presença e da função das mulheres no movimento de Jesus. Para fazer isso, o narrador usa também três palavras e duas referências de tempo-espaço: “quando ele [Jesus] estava na Galileia”, “[elas] o seguiam e o serviam” e “[elas] tinham subido com ele até Jerusalém”. No Evangelho de Marcos, por duas vezes, Jesus usa o serviço/diaconia como modelo a ser imitado por seus discípulos: “se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo [diácono(a)] de todos” (Mc 9,35);

“aquele que dentre vós quiser ser grande, será vosso servidor [diácono(a)]; e aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja servo [diácono(a)] de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir [...]” (Mc 10,43-45).

Em relação ao seguimento trata-se de algo mais do que o acompanhar físico e tem relação com a decisão pelo discipulado. O termo é usado quando os primeiros discípulos são chamados, em Mc 1,18.20, e também em Mc 3,7; 6,1, relacionando-se com a multidão e os discípulos. Em Mc 8,34 e 10,28-30, Jesus relaciona o seguimento à aceitação da perseguição (cruz) e à integração na comunidade familiar. Seguir e servir fazem-se a essência do discipulado (RICHTER REIMER, 2012, p. 199-205; RICHTER REIMER; SOUZA, 2012).

Assumimos que são quatro mulheres nomeadas nesse momento, embora isso não seja um consenso entre comentaristas². São: Maria Madalena, Maria de Tiago o menor, Maria a mãe de José, e Salomé. Porém, mais importante que isso é o fato que Maria Madalena destaca-se, pois é a única que aparece nas três cenas. Colocamos abaixo uma tradução instrumental dos textos em que essas mulheres aparecem.

^{15,40} E também estavam mulheres observando de longe, entre as quais também Maria a Madalena, Maria de Tiago o Menor, a mãe de José e Salomé, ⁴¹ as quais, quando ele estava na Galileia, o seguiam e o serviam, e muitas outras que tinham subido com ele a Jerusalém. ^{15,47} E Maria a Madalena e Maria, a de José, estavam observando onde ele fora posto. ^{16,1} E, transcorrido o sábado, Maria a Madalena e Maria, a de Tiago, e Salomé compraram aromas a fim de ir ungi-lo² E, muito cedo, no primeiro dia depois do sábado, tendo nascido o

² Nos três momentos distintos – crucificação (15,40), deposição do corpo (15,47) e túmulo vazio (16,1) – o texto faz diferentes menções de referências às mulheres, o que possibilita entender a menção em 15,40 como quatro ou três mulheres. Entre as autoras que sustentam o número de quatro mulheres temos: Richter Reimer (2012, p. 203); Schottroff (1995, p. 49 e 50); Schüssler Fiorenza (1992, p. 365). Para elas, o fato de Mc 16,1 arrolar Maria Madalena, Maria a de Tiago e Salomé é argumento significativo para aceitar que 15,40 menciona quatro mulheres, sendo que uma delas é identificada por meio de José, o que não ocorre em 16,1. Por qual motivo esta não se encontra aqui não se poderá saber, visto não haver indício textual. Já para a Maria mãe de José, há suporte textual por meio de sua menção junto à Maria Madalena, em 15,47 e por meio da crítica textual de 15,40, visto que as maiúsculas B e 044 transmitem a versão “Maria a de Tiago o Menor e a mãe de José”. Gnilka (2005, p. 380-382) argumenta a partir de comentário de Pesch, informando que o mesmo também reconhece quatro mulheres, em 15,40, com o qual ele, porém, não concorda por causa da ‘harmonização’ com 15,47 e 16,1. Nesse sentido, Soares, Correia Jr. e Oliva entendem tratar-se de três mulheres, que seriam fiéis testemunhas e discípulas de Jesus, que não o abandonam, como fizeram Pedro, Tiago e João. Observamos que nenhum exegeta explica a menção diferenciada das Marias de Tiago e de José (Joset), o que pode convidar a próximos estudos. Com respeito ao paralelo entre os discípulos e discípulas, pensando narrativamente, o grupo de quatro mulheres aqui pode ser paralelo ao grupo inicial dos quatro chamados por Jesus, Simão, André, Tiago e João em Mc 1,16-20, a primeira vez que discípulos são nomeados. Esse argumento é aprofundado na análise da caracterização.

sol, vêm ao sepulcro,³ e diziam umas às outras: “Quem removerá para nós a pedra da porta do sepulcro?”⁴ E, ao olhar para cima, observaram que a pedra tinha sido removida, pois era muito grande.⁵ E, no sepulcro, viram um jovem sentado à direita, vestido de uma túnica branca, e ficaram espantadas.⁶ Ele, porém, disse-lhes: “Não vos espanteis. Buscais Jesus, o Nazareno, o crucificado, foi levantado, não está aqui. Vede o lugar onde o colocaram.⁷ Mas ide dizer aos discípulos dele e a Pedro que Ele vos precede à Galileia. Lá o vereis, como Ele vos disse.”⁸ E, saindo, fugiram do sepulcro, pois tinham tremor e espanto. E nada disseram a ninguém, pois temiam.

Adentramos, a seguir, na apresentação e análise do Evangelho de Marcos, especificamente na perícopes em questão, utilizando de recursos exegéticos, hermenêuticos e narratológicos.

1 Narrativa, estilo e trama

O narrador³ do Evangelho de Marcos é uma terceira pessoa onisciente, conhece elementos futuros da história, pensamentos e sentimentos dos personagens, e onipresente, que acompanha a trama em todos os lugares (RHOADS; DEWEY; MICHIE, 1999, p. 40; MALBON, 2008, p. 33-34). Essas características permanecem também na perícopes em questão. O narrador conduz o ponto de vista da história, colocando, aqui, discípulos em destaque e com caracterização positiva.

Também permanece, em 15,40-16,8, outra característica geral de Marcos: a inclusão de detalhes que podem diminuir o passo da narrativa, quais sejam, o discipulado exemplar, o medo das mulheres, a preocupação com a pedra do sepulcro. O narrador faz um jogo entre as lacunas de informação e os detalhes. Estes conduzem a interpretação, enquanto as lacunas facilitam a adesão das pessoas que tiveram acesso a tradições diversas do cristianismo.

³ Usando o termo “o narrador” não significa que se trate de um homem. A atribuição da narração da história a uma terceira pessoa de gênero indefinido em culturas de característica androcêntrica implica na identificação com uma figura masculina. Também é papel da Teologia Feminista questionar essa atribuição ao narrador e entender as suas consequências, entre elas podemos citar a ocultação da participação de mulheres na composição do texto. Porém seguiremos adotando o termo, pois é o padrão nos estudos sobre a crítica da narrativa. Maiores detalhes, ver Souza (2017). Convém ainda deixar claro os papéis de narrador e autor, dentro da metodologia narrativa. Quando uma história é narrada, trata-se de uma comunicação que envolve: 1) o autor real – a pessoa ou grupo responsável pela criação da mensagem e da forma como ela será transmitida; 2) um autor implícito – aquele que pode ser reconstruído a partir do texto e é aquele que o autor real criou para ser identificado como tal; 3) o narrador – que é a voz que conta realmente a história, podendo ser um personagem, se identificar como autor ou ser uma terceira pessoa; 4) um leitor implícito – que é aquele destinatário que o autor real tem em mente quando cria sua narrativa; 5) o leitor real – que é quem realmente recebe a história narrada (POWELL, 2009, p. 59-64; MALBON, 2008, p. 32-34).

Apesar dos detalhes, o estilo da cena é bem dinâmico e sintético. Para essa dinamicidade colabora o fato de que, em toda a perícopes, o narrador concede a voz⁴ apenas duas vezes. A primeira vez é para as mulheres, numa frase que não se sabe quem teria feito a elocução, para expressar a apreensão de todas com respeito ao tamanho da pedra que fechava o sepulcro. A segunda é para o jovem de branco, dentro do sepulcro, que comunica a ressurreição e envia as mulheres para reativar a comunidade dos discípulos (SOUZA, 2017, p. 334).

A trama da perícopes 15,40-16,8 organiza-se na estrutura a seguir:

- As mulheres observaram de longe a crucificação (v.40,41)
 - Pedido de José de Arimateia pelo corpo e sepultamento (v.43-46)
- As mulheres observaram o sepultamento (v.47)
- As mulheres compram aromas para unguir o corpo de Jesus – verso de transição (v.1) – marca o final da narrativa da paixão⁵
- As mulheres vão até o sepulcro, no domingo, assim que possível (v.2-4): A preocupação com a remoção da pedra reafirma que estão sós e a pedra removida dá um incremento de tensão (v.4)
 - As mulheres adentram o sepulcro, encontram o jovem com a túnica branca e se assustam (v.5)
 - O jovem as acolhe (v.6a)
 - Diz que buscam a Jesus de Nazaré, o crucificado (v.6b)
 - Foi erguido: anúncio da ressurreição (v.6c)
 - Convida a verificar o espaço vazio como sinal da ressurreição (v.6d)
 - O jovem envia as mulheres para reunir os discípulos e ir ao encontro de Jesus na Galileia (v.7)
 - As mulheres fogem com tremor e espanto (v.8a)
- As mulheres não comunicam a ninguém pois temiam (v.8b) (SOUZA, 2017, p. 337-338)

As duas primeiras cenas encaminham para a terceira. Elas apresentam e confirmam as novas personagens que observam os acontecimentos. Não é, porém, uma simples apresentação, pois o momento em que ela ocorre se configura no ápice dramático de todo o Evangelho: Jesus, herói da história⁶, acabara de morrer executado, estava aparentemente só, até que aparecem as mulheres em cena, mostrando que ele não fora abandonado.

⁴ Conceder a voz significa que o narrador dá vez ao discurso direto, em que os personagens têm fala.

⁵ A narrativa da paixão fica contida entre duas menções de unção por mulheres, esta e a de Mc 14,3-9.

⁶ Na narrativa, a função do herói é atribuída ao personagem positivado que age sob o ponto de vista entendido como bom. Acerca de uso e definição de 'herói' para Jesus, no contexto histórico-político do séc. I, ver Guerra (2014).

Observa-se que as cenas são conectadas pela presença das mulheres, nomeadas em listas que se repetem. Segundo Berger (1998, p. 206-207, 330), a função dessa forma literária era registrar testemunhas, apontar grupos e demarcar o ambiente cristão ao conectar os nomes nas listas com as origens cristãs como uma forma de mostrar que as pessoas mencionadas tinham autoridade. As duas primeiras listas são parte de relato de testemunhas.

Da estrutura, pode-se notar que o centro do arranjo concêntrico na terceira cena é o anúncio da ressurreição. A ressurreição não é narrada, mas pressuposta e comunicada por um jovem às mulheres. O encontro das mulheres com o jovem é uma angelofania ou um relato de visão (RICHTER REIMER, 2012, p. 207-209; GNILKA, 2005, p. 395-398; MARCUS, 1999; BERGER, 1998, p. 255-257).

Nessa pequena períclope nota-se certa diversidade de formas literárias concatenadas: listas, relatos de testemunha, angelofania/visão. É uma característica que mostra a polissemia⁷ e heteroglossia⁸ presentes no texto, que se mostra dialógico com as diversas tradições que recebe. Assim, quando se trabalha a criação da narrativa, pelo processo de tríplice mimese (RICOEUR, 1994), essas características mostram a utilização das memórias. Elas foram refiguradas pela experiência da equipe redacional na construção de uma narrativa que trouxe novos dados sobre a paixão e a ressurreição de Jesus com relação ao que estava disponível em escritos anteriores, como os escritos paulinos (1Co 15,3-8). Esses dados incluíram as discípulas em papéis especiais e uma nova simbologia: a do sepulcro vazio.

2 Gestão de tempo e espaço

A gestão da temporalidade e da localização espacial da narrativa está conectada ao conceito de cronotopo⁹ de Bakhtin, pois a forma como as cenas e os objetivos de uma narrativa são organizados depende da cosmovisão do grupo social que a origina. Tratando-se do Evangelho de Marcos, apresenta-se uma cosmovisão escatológica, sendo que a história se passa

⁷ O sentido de um discurso se forma no diálogo com outros, os significados desses outros discursos reverberam na enunciação, transmissão e recepção que compõe tal diálogo, de forma que muitas vezes são intrínsecas a formação de um discurso pela apreensão responsiva que acabam por expressá-las. A esse processo, Bakhtin chama de polifonia (BAKHTIN, 2003).

⁸ A heteroglossia se constitui do uso de diversas formas de linguagem, sejam elas estratificações internas da língua nacional, em dialetos ou jargões de círculos sociais, ou ainda em linguagens que sirvam a propósitos sociopolíticos. A heteroglossia se expressa nos discursos autorais, do narrador, dos personagens e no uso de formas literárias (BAKHTIN, 1981).

⁹ O cronotopo é a forma como a conexão espaço-tempo é apresentada pela narrativa. É um conceito significativo para a representação da humanidade e a conexão entre o mundo real e o mundo representado na narrativa (BAKHTIN, 1981).

num tempo que não é o tempo das origens e nem do fim, mas se relaciona claramente com este último, pois narra o tempo da intervenção divina que dá início ao fim, no caso o aparecimento de Jesus. A história se apresenta como o início do Evangelho de Jesus, o ungido (ou o messias), o Filho de Deus (Mc 1,1). As cenas que tratamos constituem o final dessa história, que tem diversos objetivos, entre eles mostrar quem é Jesus e motivar as ações e as relações das pessoas no 'hoje' da narrativa e das que possam se encontrar no futuro, no caminho para o tempo final.

Nos versículos 15,40-41, o narrador faz uma analepse¹⁰ ao mencionar aquele grupo de mulheres e termina com uma paralipse¹¹. O momento da morte de Jesus é o tempo ideal de revelar o discipulado das mulheres ao longo de todo o seu ministério. Essa volta ao passado conduz o leitor e a leitora a visualizar aquelas mulheres ao longo da narrativa. Com isso, mostra uma espécie de paradigma de discipulado. No momento que falta o herói da narrativa, pessoas menosprezadas na sociedade ocupam o lugar de ação e da fidelidade ao projeto de Jesus, incentivando leitores(as) a tomar a mesma atitude através de um efeito catarse¹². Jesus não mais aparece, é apenas mencionado e permanece a esperança do encontro futuro.

As cenas em que as mulheres acompanham a crucificação e o sepultamento e compram os aromas se passam logo antes do sábado. Isso também traz à memória pontos importantes do ministério de Jesus, que aconteceram no sábado (Mc 1,21; 2,23; 3,2; 6,2). Contudo, o sábado desta parte da narrativa é de silêncio; não se conta o que acontece. O nascer do sol no primeiro dia da semana marca o início de um novo ciclo com a ressurreição de Jesus, uma manifestação do sagrado através da angelofania/visão e a expectativa do encontro entre o mestre e o grupo de discípulos e discípulas na Galileia.

Quanto ao cenário espacial macrogeográfico, observa-se que as cenas se passam em Jerusalém e seus arredores. Porém, em dois momentos, o conjunto de cenas rememora a Galileia: ao apresentar as mulheres logo após a morte de Jesus e quando as mulheres são enviadas aos discípulos com a novidade da ressurreição. Ambos os lugares apresentam conotações teológicas que são desenvolvidas ao longo da narrativa (RICHTER REIMER, 2012). Jerusalém configura-se em lugar do enfrentamento com os poderes dominantes e a Galileia é entendida como o lugar da expansão do Reino de Deus. Como espaço e tempo são conectados, ao citar a Galileia,

¹⁰ Trata-se de retorno ao passado narrativo (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 112-114).

¹¹ Retenção ou ocultação de um elemento constitutivo como uma informação ou de um personagem até o momento adequado (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 111, 157).

¹² O efeito de catarse é a identificação da comunidade receptora com a situação narrada. São emoções geradas pela narrativa que unem cognição, imaginação e sentimento, ao mesmo tempo que levam à compreensão da narrativa. Esse efeito é figurado pelo autor durante a mimese II, tendo em vista os receptores implicados, na intenção de direcionar a mimese III (RICOEUR, 1994, 1997).

o leitor(a) é conduzido(a) a acessar novamente o tempo do ministério de Jesus, recordando suas palavras e ações.

Os cenários mais próximos também têm sua importância simbólica na narrativa. As mulheres observaram a crucificação no Gólgota, que era o lugar da morte, e no momento do sepultamento, o túmulo concretiza a ausência causada pela morte de Jesus e o fim do seu ministério. Mas, no primeiro dia da semana, esse lugar deixa de concretizar o fim para simbolizar o novo começo com a ressurreição e uma nova abertura para o discipulado.

3 Caracterização das mulheres

Mc 15,40-41 revela que havia um grupo de mulheres que acompanhava a crucificação e nomeia algumas dentre elas. Estas mulheres assumem o protagonismo na última cena do Evangelho. Não são caracterizadas individualmente, apenas por seus nomes e pela repetição deles, já que as falas e ações são do grupo. Elas são caracterizadas como discípulas por seu seguimento, serviço e por aceitarem as consequências do seguimento, permanecendo ao lado do mestre no final. Por isso, queremos chamar a atenção para alguns aspectos da presença dessas mulheres na narrativa.

O primeiro é a fidelidade desse grupo a Jesus e ao seu projeto. Elas não só o acompanharam durante seu ministério em atitudes de serviço até Jerusalém, como arriscaram as vidas ao continuarem com ele, observando a crucificação e o sepultamento e visitando o sepulcro, uma vez que podiam ser condenadas à igual pena que ele sofrera. A distância que elas assumem do local da execução se explica pelas restrições impostas pelas leis romana e judaica sobre as lamentações e homenagens aos condenados (SCHOTTROFF, 1995, p. 45-48; RICHTER REIMER, 2012, p. 199-202). A presença em grupo das mulheres nas três situações indica que, depois da fuga dos discípulos, elas superaram o medo e se rearticularam para permanecer fiéis ao seguimento de Jesus em comunidade, ou na comunhão de mulheres.

Um enfoque feminista que contribui com essa ideia da fidelidade é o da corporeidade. As mulheres discípulas observaram Jesus na cruz, o sepultamento de seu corpo e foram ungi-lo. Elas foram criativas e resilientes ao encarar a tragédia da morte do seu líder por meio da intenção de lhe prestar outro serviço/homenagem com a unção. As atividades e gestualidades delas estão em relação com o corpo de Jesus. Foi a convivência diária e cotidiana com Jesus, incluindo o cuidado expresso por ele através de toques nos corpos doentes de mulheres e sua inclusão na comunidade igualitária, que moldou o discipulado dessas mulheres, impulsionando o cuidado pessoal com a pessoa integral.

Outro aspecto a se notar é a importância do registro e a repetição dos nomes das mulheres. Em Marcos, quase todas as personagens, femininas e masculinas, que aparecem uma única vez não tem memória de nome, o que soma a maior parte dos personagens. As únicas mulheres a receberem nomes são Maria, a mãe de Jesus, Herodias e as quatro mulheres dessas cenas. O registro do nome implica que aquelas mulheres foram importantes para a tradição cristã, assumindo papéis de liderança.

Com a menção das mulheres e dos nomes de algumas forma-se, então, um paralelo entre as discípulas e os discípulos. Os doze discípulos/apóstolos são um grupo nomeado dentro de um grupo maior de discípulos e discípulas. A narrativa recorre a Pedro, Tiago, João e André, os primeiros discípulos nomeados, algumas vezes. Da mesma forma, no pequeno trecho das cenas finais, temos quatro seguidoras nomeadas em meio a um grupo maior de discípulas, que é acessado algumas vezes pela narrativa: Maria Madalena, Maria de Tiago o Menor, [Maria] a mãe de José e Salomé. Assim, como três discípulos, Pedro, Tiago e João, estão nas cenas da vivificação da filha de Jairo (Mc 5,37-43) e da transfiguração (Mc 9,2), momento sem que se mostra a messianidade de Jesus, três discípulas estão no sepulcro vazio na cena da angelofania (16,1), o que também coloca três mulheres em paralelo a esses três discípulos.

Ainda sobre o paralelo com relação aos demais discípulos, cabe abordar a consequência da paralipse das mulheres na história. Mesmo que a comunidade receptora passe a entender a presença delas desde o início da narrativa, elas acabam por ter uma caracterização separada. Os discípulos são colocados de forma vacilante, são inicialmente fiéis, mas não compreendem a profundidade do ministério de Jesus e isso os leva à fuga e ao abandono. Já as mulheres aparecem convergindo ao ideal de discipulado, pela fidelidade no seguimento e pelo serviço. A ocultação proposital das discípulas faz-se então uma estratégia narrativa que acaba por destacar essas mulheres no momento mais crucial da história.

Para avançar ainda na caracterização, é preciso colocar em foco que no mundo da história, essas mulheres são as únicas testemunhas, dentre os discípulos, de eventos cruciais para a história de Jesus e para a fé cristã: a morte de Jesus na cruz e o túmulo vazio que sinaliza a ressurreição. Isso é a conferência de uma autoridade sem paralelos, pois faz com que sejam as únicas capazes de ensinar a respeito desses acontecimentos. O que precisa ser entendido diante de toda a construção do Evangelho de Marcos a respeito das mulheres no seguimento de Jesus. A cada participação as mulheres ganham direito a pertença comunitária, fala, inclusão, discussão teológica, reconhecimento de ações. Ao final, mulheres, reconhecidas como discípulas, tornam-se as testemunhas enviadas por um jovem caracterizado como anjo. É uma arquitetura discursivo-narrativa em que se constrói as possibilidades de atuação das mulheres no cristianismo nascente (SOUZA, 2017).

Diante dessa caracterização, temos que olhar com mais cuidado para a fala do anjo, em Mc 16,7, no que diz respeito às mulheres. Sem dúvida, ela é um comissionamento de entrega da novidade da ressurreição, o que torna as mulheres 'apóstolas dos apóstolos'¹³. Além disso, a fala do anjo também é a conferência de uma responsabilidade: reorganizar a comunidade para reencontrar a Jesus, a fim de que o movimento de Jesus tenha continuidade. A fala é inclusiva a respeito das mulheres em relação ao encontro futuro com Jesus na Galileia para retomar a proclamação do evangelho. O uso da segunda pessoa por três vezes na frase e a conexão com Mc 16,6 as colocam no grupo que tem a promessa de reencontrar Jesus (SCHOTTROFF, 1995, p. 70-72).

O último aspecto a considerar aqui é o temor e o silêncio das mulheres. Eles são normalmente entendidos pelo viés negativo do não cumprimento da missão dada pelo anjo. Considerando o fato de as mulheres serem retratadas como corajosas nas três cenas, é preciso reinterpretar a noção do descumprimento da missão. Elas foram corajosas para enfrentar o perigo de morte, por lamentar um condenado e invadir um sepulcro, mas também sofrem estarecidas de um temor. Por essa condição, é necessário colocar a interpretação negativa em suspeita.

Para isso, é fundamental perceber o jogo narrativo entre o mundo da história e o mundo vivencial da comunidade que o recebe. No mundo da história, as mulheres eram as únicas que sabiam da mensagem da ressurreição e do encontro na Galileia. Era desejo da equipe redacional que a comunidade receptora se visse como a concretização da expansão do Reino de Deus a partir desse início do Evangelho de Jesus narrado na história marcana e ao mesmo tempo se sentisse motivada a agir em prol desse projeto. Portanto, se a audiência recebeu aquela parte da história do evangelho de Jesus, é porque as três discípulas entregaram a mensagem ao grupo de discípulos que seguia a Jesus. Sendo assim, o motivo do final aberto não seria tanto fazer um retrato negativo do grupo de mulheres, mas fazer uma transferência de papéis, estimulando a audiência ao engajamento no trabalho missionário.

Esse temor que, momentaneamente, paralisa as mulheres pode ser entendido como a reação ao poder de Deus que encontraram no sepulcro, que as tirou do equilíbrio (DEWEY, 1993, p. 506; KINUKAWA, 1994, p. 110). O temor ainda pode ser entendido como um reflexo da situação da comunidade

¹³ O título *apostola apostolorum* foi concedido especificamente a Maria Madalena por Hipólito de Roma (séc. III) e mantido na Igreja Ocidental até o séc. VI; lenta mas continuamente a representação de Maria Madalena foi sendo modificada por meio da exegese medieval, que começou a 'pintar' essa personagem como prostituta e pecadora arrependida por meio do trabalho do arcebispo Ambrósio (séc. IV) e do papa Gregório Magno (séc. VI). Sobre Maria Madalena, ver o fascículo MARIA de Magdala: Apóstola dos Apóstolos. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, n. 489, ano 15, out.2016.

receptora frente às atrocidades cometidas por representantes imperiais (SCHOTTROFF, 1995, p. 70) e indicar simultaneamente para o reverente reconhecimento da grandeza que ali ocorreu em forma de hierofania:

[...] elas “ficaram estarecidas”, tomadas de reverente temor [...] como o foi pelos três apóstolos na transfiguração [...]: é o mistério “tremendo e fascinante” que se revelou e veio acompanhado de uma mensagem que transformará a vida destas mulheres e de todo o grupo de discípulos[as]” (RICHTER REIMER, 2012, p. 208).

No todo, relevante é que o texto leva à compreensão que, mesmo com dificuldades e fragilidades, discípulas e discípulos continuam sendo aceitos(as) e transformados(as) no movimento de Jesus, e o final aberto entrega ao público que ouve e lê a tarefa de assumir o discipulado.

Considerações finais

A escolha por utilizar a paralipse, fazendo um desvelamento tardio, porém esclarecedor e com destaque da presença e atuação das mulheres, juntamente com a caracterização de discípulas exemplares e a presença apenas das mulheres em momentos que justificariam a concessão de autoridade ímpar a elas, sugere que a comunidade marcana possuía mulheres ocupando papéis de liderança. Juntamente com isso, elas necessitavam de legitimação diante do surgimento de discursos patriarcais em outros grupos cristãos, ou até mesmo dentro da(s) própria(s) comunidade(s) marcana(s). Lembremos, por exemplo, das ordens e dos interditos no código de deveres domésticos patriarcal que é fixado em Cl 3,18-41 e que evolui posteriormente em Ef 5,22-6,9; 1Pd 2,13-3,7; 1Tm 2,8-15; 6,1-2 (SCHÜSSLER FIORENZA, 1992, p. 360; RICHTER REIMER, 2012, p. 189). O Evangelho de Marcos se forma como uma narrativa carregada de discursos ideológicos¹⁴, mas em seu final apresenta uma forma de defesa da posição das mulheres em sua comunidade. Isso o caracteriza como dialógico, pois é resposta a outros discursos vigentes ao seu tempo.

Teologicamente relevante é termos percebido que a presença, a participação e a função das mulheres no movimento de Jesus, conforme o Evangelho de Marcos, tem como força motriz a própria ação de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que as acolheu, curou, ensinou, ouviu, libertou, amou e respeitou. O serviço/diaconia que ele lhes prestou tornou-se nelas e por meio delas serviço/diaconia para pessoas que necessitam de socorro e misericórdia nesse mundo marcado por miséria, sofrimento e falta de perspectivas. A acolhida e o reconhecimento que elas dele receberam

¹⁴ A este respeito, ver Souza (2017) com vastas bibliografia e demonstrações.

tornou-se nelas e por meio delas corpo a serviço do Reino de Deus no mundo. A libertação-salvação que ele com elas partilhou tornou-se nelas e por meio delas esperança das coisas que já se vê e pelas quais vale a pena viver, morrer e ressuscitar. Constituir vida comunitária e eclesial é, a exemplo das mulheres do Evangelho de Marcos, colocar-se continuamente no seguimento de Jesus, na diaconia e no discipulado de pessoas igualadas pela fé e pelo amor.

Novos olhares, percepções e análises teológicas e hermenêuticas feministas foram aqui expressos e compartilhados. Memórias antigas e experiências próprias foram acessadas e tornaram-se relevante parte epistemológica na (re)construção de histórias de mulheres que nos precederam na fé, na luta, na corajosa esperança de que é possível fazer a diferença por mais temerosas que sejam as situações e as condições de nossa existência individual e coletiva. Não resignar, mesmo temendo; participar, mesmo sofrendo discriminação; transformar a vida em momentos que sejam significativos para esta e as próximas gerações – estes são elementos centrais que perpassam o ensino e a práxis de Jesus e das mulheres no Evangelho de Marcos e podem se tornar significativas para nós, hoje.

Referências

- ANDERSON, J. C.. The dancing daughter. In: ANDERSON, J. C.; MOORE, S. D. (Orgs.). *Mark & Method: new approaches in biblical studies*. 2nd ed. Minneapolis: Fortress Press, 2008. p. 111-144.
- BERGER, K. *As Formas Literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.
- BAKHTIN, M. M. *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press, 1981.
- _____. *Problemas de la poetica de Dostoievski*. 2. ed. México: FCE, 2003.
- DEWEY, J. The Gospel of Mark. In: SCHÜSSLER FIORENZA, E. *Searching the Scriptures*. New York: The Crossroad Publishing, 1993. v. 2, p. 470-509.
- FANDER, M. Gospel of Mark: Women as True Disciples of Jesus. In: SCHOTTROFF, L.; WACKER, M.-T. (Eds.). *Feminist Biblical Interpretation: a Compendium of Critical Commentary on the Books of the Bible and Related Literature*. Cambridge/Grand Rapids, Michigan: Wm.B. Eerdmans Publishing Co., 2012. p. 626-644.
- GNILKA, J. *El evangelio segun San Marcos II: Mc 8,27-16.20*. 2.ed. Salamanca: Sí-gueme, 2005.
- GUERRA, D. D. *O Reino de Deus e o Mundo dos Homens: em busca da heterotopia joanina*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.
- HORSLEY, R. A. *Hearing the whole story: the politics of plot in Mark's Gospel*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.

- KINUKAWA, H. *Women and Jesus in Mark: a Japanese feminist perspective*. New York: Orbis Books, 1994.
- MALBON, E. S. Narrative Criticism: how does the Story Mean. In: ANDERSON, J. C.; MOORE, S. D. (Eds.). *Mark & Method: new approaches in biblical studies*. 2nd ed. Minneapolis: Fortress Press, 2008. p. 29-58.
- MARCUS, J. *Mark 8-16: a new translation with introduction and commentary*. Binghamton: Yale University, 1999.
- MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.
- MARIA de Magdala: Apóstola dos Apóstolos. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, n. 489, ano 15, out.2016.
- MUNRO, W. Women Disciples in Mark? *The Catholic Biblical Quarterly*, Washington, v. 44, n. 2, p. 225-241, Ap.1982.
- PHILLIPS, V. The failure of the women who followed Jesus in the Gospel of Mark. In: LEVINE, A.-J.; BLICKENSTAFF, M. (Eds.). *A feminist companion to Mark*. Cleveland: The Pilgrim Press, 2001. p. 222-234.
- POWELL, M. A. Literary Approaches and the Gospel of Matthew. In: POWELL, M. A. *Methods for Matthew*. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 44-82; p. 59-64.
- RHOADS, D.; DEWEY, J.; MICHIE, D. *Mark as Story: an introduction to the narrative of a gospel*. 2nd ed. Minneapolis: Fortress Press, 1999.
- RICHTER REIMER, I. *Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- _____. *El milagro de las manos: sanaciones y exorcismos de Jesús en su contexto histórico-cultural*. Navarra: Verbo Divino, 2011.
- _____. *Compaixão, cruz e esperança: teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- _____. SOUZA, C. B. de. As mulheres: modelo de seguimento no movimento de Jesus e na Igreja. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP*, Recife, v. 1, n. 1, p. 207-216, 2012.
- RICOEUR, P. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1994. t. 1.
- _____. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1995. t. 2.
- _____. *Tempo e Narrativa*. Campinas: Papirus, 1997. t. 3.
- SCHOTTROFF, L. *Mulheres no Novo Testamento: exegese numa perspectiva feminista*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- _____; SCHROER, S.; WACKER, M.-T. *Exegese Feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI; São Paulo: ASTE, 2008.
- SCHÜSSLER FIORENZA, E. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- _____. *Jesus e a política da interpretação*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Caminhos de Sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica feminista*. São Bernardo

do Campo: Nhanduti, 2009.

SOARES, S. A. G.; CORREIA Jr., J. L.; OLIVA, J. R. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012 (Comentário Bíblico Latinoamericano – Novo Testamento).

SOUZA, C. B. de. *Marcos: Evangelho das Mulheres*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

SOUZA, C. B. de. *Jesus e as mulheres em Marcos: paradigmas de relação de gênero*. Dissertação (Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

Artigo submetido em 23.10.2018 e aprovado em 03.03.2019.

Ivoni Richter Reimer é Doutora em Teologia/Filosofia/Ciências da Religião pela Universität Kassel (Alemanha, 1990), e professora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião e em História. **Contribuição no artigo:** leitura crítica, com acréscimos, correções, referências e revisão final. Orcid.org/0000-0003-4274-8407. E-mail: ivonirr@gmail.com

Carolina Bezerra de Souza é Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO, 2017). Atualmente cumpre estágio pós-doutoral nas Faculdades EST. **Contribuição no artigo:** desenvolvimento do esboço central com base em pesquisa de mestrado e doutorado, orientada por Ivoni Richter Reimer e revisão. Orcid.org/0000-0002-7194-9112. E-mail: carolbsouza@gmail.com

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), por parte de Carolina Bezerra de Souza; igualmente tem o apoio financeiro para pesquisa por meio da Bolsa Produtividade CNPq, por parte de Ivoni Richter Reimer.

Endereço: University Sector – Av, University 1440
Setor Leste Universitário,
74175-120 Goiânia – GO